

Uma experiência da residência pedagógica em modalidade remota na formação de professores(as) de língua portuguesa no Cariri-Ceará-Brasil

Francisco Gomes de Freitas Leite¹, Lorscheider Carvalho Peixoto², Rodrigo Nóbrega Martins³

RESUMO: Este trabalho consiste no resumo dos resultados parciais de um estudo sobre os impactos da realização na modalidade remota da residência pedagógica para a formação de professores/as de língua portuguesa da Universidade Regional do Cariri – URCA, no Estado do Ceará – Brasil. Este estudo, que teve início em outubro de 2020 e com data prevista para encerrar em março de 2022, é coordenado pelo docente orientador e pelos preceptores do subprojeto de língua portuguesa desta edição do Programa de residência pedagógica da URCA. O objeto de estudo são as respostas ativas dos/as residentes e dos/as estudantes da Educação Básica envolvidos no processo às atividades realizadas remotamente na residência pedagógica. A metodologia adotada é a da pesquisa de campo de natureza qualitativa com o método de observação participante. A orientação teórica da análise dos dados é baseada nos fundamentos da Teoria dialógica. Os resultados parciais da análise apontam para a precariedade das ações governamentais e das condições sociais dos atores do processo educacional como um dos maiores entraves à execução exitosa desta experiência da residência pedagógica em modalidade remota na formação de professores/as de língua portuguesa no Cariri-Ceará-Brasil.

Palavras-chave: observação participante; dialogismo; formação docente.

¹ Universidade Regional do Cariri – URCA, freitas.leite@urca.br

² Universidade Regional do Cariri – URCA, lorpsi@yahoo.com.br

³ Universidade Regional do Cariri – URCA, rodrigo.nmartins97@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A edição 2020-2022 do Programa de Residência Pedagógica vem sendo executada desde o início em todo o Brasil na modalidade remota por conta do fatídico acontecimento da pandemia de covid-19.

Apresentamos aqui um resumo de um estudo em andamento sobre os impactos da residência pedagógica na modalidade remota para a formação de professores/as de língua portuguesa pela Universidade Regional do Cariri – URCA, no Estado do Ceará – Brasil, com destaque nos pontos nevrálgicos com que esta empreitada nos desafia. Este estudo é coordenado pelo docente orientador e pelos preceptores dos/as residentes desta edição do Programa de residência pedagógica de língua portuguesa da URCA.

O projeto de residência pedagógica de língua portuguesa da Universidade Regional do Cariri tem como objetivos promover a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica e proporcionar aos futuros professores/as de língua portuguesa o domínio de teorias linguísticas e literárias que possibilitem a busca de conhecimento novo e não a reprodução de modelos de ensino improdutivos, afirmando-se a função da universidade como produtora de conhecimento e como corresponsável pela busca de soluções para as questões sociais do Brasil. A despeito, todavia, de tradicionalmente as licenciaturas das universidades brasileiras estarem voltadas para a formação de professores/as para atuarem presencialmente nas salas de aulas das escolas, fomos repentinamente obrigados a desenvolver metodologias e estratégias para que os/as residentes realizassem seus estágios remotamente por meio dos recursos tecnológicos disponíveis e nem sempre adequadamente favoráveis à execução de tal tarefa.

2 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de campo de natureza qualitativa que utiliza o método de observação participante, posto que “participa plenamente nas atividades de indivíduos e, portanto, torna-se um membro da organização ou comunidade, habilitando os pesquisadores a compartilhar suas experiências com os indivíduos, não apenas observando mas também ‘sentindo’ os fatos” (SILVA *et al.*, 2015, p. 5).

O aporte teórico do estudo é de matriz dialógica de modo que: “o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico” (BAKHTIN, 2011b, p. 400, grifo do autor). Os pressupostos da teoria dialógica que fundamentalmente são mobilizados na análise dos dados nesta pesquisa são: a concepção de língua como interação, a compreensão de diálogo como concernente à natureza interdiscursiva e intersubjetiva da linguagem, a noção de resposta como atitude responsiva e ativa dos sujeitos e o entendimento de produção de sentido como um dos princípios básicos de qualquer ato de linguagem discursiva.

Esta pesquisa, balizada também por outros estudos que se aproximam em termos de objeto e de abordagem teórica, segue o reconhecimento de que o “entendimento de língua como interação passou a exigir um ensino voltado ao domínio das práticas sociais de uso da linguagem” (MENDONÇA, 2020, p. 361). Esta interação, seguindo ainda o que aponta Mendonça (2020, p. 357) é “mais do que referência à alternância de vozes em um diálogo face a face”, pois encerra aspectos históricos, sociais e axiológicos da linguagem, conforme o ponto de vista de Bakhtin e o Círculo.

Tal perspectiva adotada nesta pesquisa é ratificada também por Oliveira, Alves e Bessa (2020, p. 119) ao postularem muito apropriadamente que “a palavra, o texto só

têm sentido, significação viva, se responder a situações sociais de sua existência”. Neste sentido, destacamos que, em termos de direcionamento teórico-metodológico dialógico, nesta pesquisa:

[...] a investigação se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo. Nós não perguntamos à natureza e ela não nos responde. Colocamos as perguntas para nós mesmos e de certo modo organizamos a observação ou a experiência para obtermos a resposta. Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado. (BAKHTIN, 2011a, p. 319).

Com base neste direcionamento, são realizadas as análises e interpretações das respostas ativas (não necessariamente verbais) dos/as residentes e dos estudantes da Educação Básica envolvidos no processo às atividades que vêm realizando, de modo a serem perscrutadas as vicissitudes e os êxitos do processo de formação dos futuros professores/as no formato remoto da residência pedagógica com vistas à busca de alternativas no contexto de sua execução para superar os reveses que a pandemia de covid-19 trouxe a esta edição da residência pedagógica.


3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das respostas ativas dos/as residentes recolhidas nos nossos encontros de avaliação e socialização de experiências (ver exemplo na figura 1), compreendemos que das atividades programadas para eles/elas realizarem, a familiarização com a atividade docente por meio da ambientação na escola e da observação semiestruturada em sala de aula e a regência com acompanhamento do/a preceptor/a são as que apresentam mais entraves neste contexto de realização de residência em formato remoto.

Figura 1 – Amostra de *slide* produzido pelos/as residentes em um encontro de avaliação e socialização de experiências

ALGUMAS REFLEXÕES

**Estamos em uma edição muito complexa da Residência Pedagógica, as pessoas que estão envolvidas atravessam, desde o começo e não apenas remotamente, o medo da morte, não têm tempo de elaborar os lutos e lutam assim mesmo, primeiro pela sobrevivência, segundo, por uma vivência no Programa.* [Lorscheider Carvalho Peixoto](#)*



- A realidade das escolas**
 - Precariedade do ensino público no provimento tecnológico
 - Acesso a internet
- Identidade docente e/ na pandemia**
- Os professores residentes**
 - Professor-aluno e aluno-professor
 - Assessoramento tecnológico
 - Processo colaborativo constante

Fonte: Acervo particular dos autores.

Para tentar solucionar esses entraves, mesmo que parcialmente, a solução encontrada até agora vem sendo a utilização de recursos tecnológicos e midiáticos, tais como encontros via *Google Meet*, aulas via *Google Classroom*, *podcast* dos conteúdos programáticos e criação de aplicativos de ensino para serem utilizados em redes sociais (no *Instagram* principalmente).

Os resultados de tais estratégias nem sempre são os esperados conforme a projeção inicial e muitas estratégias têm seu êxito esbarrado em uma realidade marcada pela precariedade das condições sociais dos atores do processo educacional.

Uma leitura mais cuidadosa, aquela em disputa, alcance e ocupação de um território vem revelando que as fronteiras estão borradas em torno da educação no tempo da pandemia à brasileira. Disso decorrem questionamentos, tais como: contra o que exatamente estamos lutando e como isso é capaz de alterar os objetos e os objetivos do processo de ensino-aprendizagem?

A primeira impressão é a de que qualquer apontamento sobre esse atravessamento de profissionais da educação, especialmente estudantes em residência pedagógica, se aproxima bastante de uma colonização de saberes e práticas que contrasta com uma posição/explicação glamourizada da face tecnológica e, como toda colonização, exerce suas formas de violência ao mesmo tempo em que essa face sorri a pouca gente dentro do ensino remoto. Trata-se de uma experiência abafada e sem eco dentro e fora (por conta do distanciamento social) das plataformas disponíveis de vinculação entre escola e estudante, tanto da Educação Básica, como do Ensino Superior em contato com a primeira.

Há quem, sob uma visão governamental, esteja seguindo o produtivismo colhido de treinamentos pressionados por estatísticas e experiências escolares exitosas. Há, também, muita criatividade e gasto honesto de energia salvacionista no caos em que nos encontramos, entretanto, mesmo com toda a sorte de reorientações – especialmente as curriculares –, a experiência sofrível de cada residente e preceptor/a tem sido muitas vezes aplacada com a mesma vitrine dos melhores dias, só que agora ela vem estilhaçada pela pedra arremessada pelo vírus.

Essa gourmetização, para usar uma palavra de sabor mais ácido, evoca busca ativa, compartilhamento e participação extremamente mediados pelos tutoriais e suas linguagens. Por causa da nova rotina, esse processo de captura e processamento de grandes quantidades de informação tem sido hipervalorizado quando o manuseio de uma determinada ferramenta tecnológica é menos indolor. Em tese, o virtual-democrático ainda é utopia e o coronavírus expôs essa falta ainda no início do ano letivo de 2020. De lá para cá, muita coisa permanece inalterável no que se refere ao alcance mais justo desse tipo de educação.

Os dados para análise das respostas dos estudantes da Educação Básica recolhidos de avaliações da qualidade das atividades remotas não mostram em números exatos o que somente um olhar humanisticamente analítico pode enxergar; um exemplo desses dados está resumido na figura 2, em que, de um total de 46 alunos do terceiro ano de uma das escolas-campo, somente 23 responderam e, destes, 13% expressaram não gostar do método virtual.

Figura 2 – Resumo de avaliações de estudantes da Educação Básica da qualidade das atividades remotas em uma escola-campo

O que você achou do método utilizado? Prefere que as atividades e avaliações sejam feitas assim ou de forma tradicional?

23 respostas



Fonte: Acervo particular dos autores.

Nesta modalidade de ensino remoto nas escolas-campo, a falta de conectividade é um dos maiores problemas. É sabido que os índices de exclusão digital no Brasil são altos. Muitos são os alunos que não dispõem de internet, absolutamente. Outros tantos possuem acesso à internet apenas em caráter eventual e aprovisionado. Possuem um chip e precisam colocar crédito para assistirem às aulas. Ocorre, contudo, que suas famílias não têm 10 ou 20 reais diariamente para comprar créditos e, em nível municipal nenhuma política, nenhuma diretriz no sentido de sanar tal debilidade foi levada a bom termo. Na esfera estadual, não obstante aos esforços da SEDUC/CE, que tem se empenhado na distribuição de chips com acesso patrocinado pelo governo do estado do Ceará, consideramos que a logística de entrega desses chips tem sido demorada e ainda não sentimos, nas escolas, nenhum benefício desta ação. Malgrado o seu caráter extremamente benéfico e providencial, não descabe dizer que as benesses de tal ação só devem ser sentidas no segundo semestre do corrente ano de 2021.

Outro passo, ainda mais tímido, dado em direção à conectividade e, portanto, à manutenção dos vínculos entre estudantes e escolas, é a distribuição de dispositivos do tipo *tablet*. *Grosso modo*, poucas unidades dessas pranchetas eletrônicas têm encontrado seu destino, devido a um (des)arranjo logístico que vem precedido de um discurso sobre critérios que empaca em uma vistosa propaganda governamental ainda não sentida ou demasiadamente ressentida no chão dessa escola digital; além disso, ela esbarra no curioso método em que apenas as primeiras séries do Ensino Médio são pinçadas no experimento que já levanta suspeição e inveja de estudantes das séries subsequentes. Para além deste eixo do contemplado-contemplativo, um vertiginoso fenômeno repercute entre murmúrios e especulações, a exemplo de um número inexpressivo de estudantes que compareceu à escola quando a retirada do urgente equipamento se pensou imediata. Reflexões atualizadas apontam para a imagem ainda mais labiríntica da educação e de uma escola que comunica sobre recusa, necessidade e prioridade na pandemia e que acentua o esvaziamento da sala de aula bem diante do olhar melancólico dos/as residentes.

Dentre tantos pontos a serem melhorados, entendemos que, neste momento, permitir o acesso remoto à escola sem qualquer restrição a todos os estudantes da Educação Básica e residentes tem inequívoca urgência e deve ser a primeira debilidade

a ser sanada. Uma vacina simbólica, portanto, capaz de estimular as defesas intelectuais e criativas contra o virulento registro de uma presença pela ausência sentido na experiência de uma residência pedagógica virtual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na balança simbólica desta experiência da residência pedagógica em modalidade remota, o prato que desce pesado é o que segue flagrado pela falta de conectividade entre estudantes da Educação Básica e acadêmicos/as das licenciaturas. Essa lacuna não promove e nem garante a materialização da figura do/a professor/a residente. É como se ela fosse uma aparição fantasmática ou para usar do campo semântico-tecnológico, uma espécie de holograma criado pela inteligência artificial. Um vexame de conectividade e mesmo de vinculação rasas que atinge até mesmo o quadro permanente de profissionais de uma escola se pensarmos no grupo de novatos que nela se matricula e, durante o processo, raras são as ocasiões em que algum aluno ou aluna pergunta se a aula síncrona do dia será com a participação de alguém do grupo da residência. Ainda assim, seguimos apostando em uma vinculação que almeja evolução do que hoje é despreparo e luta dentro do período que compreende a presença da residência pedagógica em escola-campo futuramente “vacinada”.

Algo favorável é que diante desse cenário de hierarquias estilhaçadas, uma preceptoria deixa de compor uma ideia ou modelo verticalmente orientado para horizontalizar as relações na primeira vez em que se relaciona com o magistério. Mesmo Secretarias e Coordenadorias de educação, Universidade e Escola visando uma melhor experiência no conflito, a participação do corpo residente em dispersar conhecimento sobre atualização e manuseio de ferramentas tecnológicas, por exemplo, o faz em uma presença mais que necessária, que deveria ser permanente na cena educativa, em todos os componentes curriculares e não apenas em subprojetos específicos e aleatórios em cada unidade escolar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011a. p. 307-335.

BAKHTIN, M. M. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011b. p. 393-410.

MENDONÇA, Fernanda Dias de Los Rios. Proposta didática de perspectiva dialógica: compreensão responsiva e intervenção pedagógica. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 9, n. 16, p. 355-370, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://rpem.unespar.edu.br/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/1994/1316>. Acesso em: 22 fev. 2021.

OLIVEIRA, Joseilda Alves de; ALVES, Wanderleya Magna; BESSA, José Cezinaldo Rocha. A revisão textual como trabalho dialógico: limites e potencialidades dos apontamentos do professor. *E-Scrita*, Nilópolis, v. 11, n. 1, p. 117-135, jun. 2020.

Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/3922/pdf>.
Acesso em: 20 mar. 2021.

SILVA, Eduardo Robini da *et al.* Caracterização das pesquisas de teses em administração com abordagem qualitativa. *In: MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO*, 15, 2015, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: UCS, 2015. p. 1-16.